

Conexão Local: Palco de aprendizagem e comunicação

O projeto Conexão Local congrega dentro de si um verdadeiro laboratório pedagógico. Fazer parte desse possibilitou uma formação como gestor público com um olhar muito mais profundo de uma realidade específica. Mas muito mais que conhecer essa especificidade, no caso conhecer escolas Família Agrícolas na região sul do estado Espírito Santo, foi participar de uma forma pedagógica de se transmitir conhecimento que não é usual no meio acadêmico.

No primeiro semestre de aula em Administração Pública, lembro da ênfase que um professor colocou de que uma política pública que seja efetiva deve ter diálogo com os vários atores que nela perpassam. Um desses que deve (ou deveria) ser sempre prioritário na escuta é a própria população usuária.

Em sala de aula, nos primeiros semestres foi dado o caso do Programa Soro, raízes e rezas¹ para lermos e debatermos. Do ponto de vista do ensino aprendizagem aquele caso serviu que tivesse noção, como futuro administrador público, de como uma política pública de sucesso pode ter mais saberes do que apenas formais e que o diálogo com a população é fundamental.

O poder público garante o acesso a serviços de saúde na medida em que disponibiliza profissionais e equipamentos de saúde em número suficiente e localização tal que toda a população possa alcançá-los. Mas isto não é bastante. É preciso também estabelecer uma relação de confiança entre o serviço de saúde e os moradores da comunidade de maneira que, além de procurar os profissionais biomédicos, as pessoas também sigam suas prescrições para prevenir ou curar uma situação de doença (PAULICS, p.1; 2003).

No texto temos que apesar do estado prover um sistema de saúde para a população, nesse caso precisava-se que fosse além. Utilizaram um saber de dentro da comunidade para que a mesma confiasse parte do tratamento de sua saúde ao estado.

No Conexão Local ficamos três semanas imersos em uma experiência de política pública de forma que tais relações podem ser melhor compreendidas. Segundo Paulo Freire (p. 66; 1969/1983) “o sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto, não há um penso, mas um

¹ Texto elaborado pelo Instituto Polis para o boletim Dicas que tem o intuito de apresentar boas práticas de políticas públicas. No caso em questão, Veronika relata a experiência da Secretaria de Saúde de Maranguape/CE que se utilizou do trabalho conjunto de rezadeiras e biomédicos.

‘pensamos’ [...] esta coparticipação dos sujeitos no ato de pensar se dá a comunicação”. O programa então estabelece que uma forma eficiente para que alunos de graduação e supervisores de pós-graduação possam estabelecer um novo conhecimento é partir para o campo e travar comunicação com quem participa efetivamente da política pública.

Para mim muito diferenciou essa forma de aprendizagem. Acostumado com a sala de aula, logo busquei grupos de pesquisas que trabalhavam tema de meu interesse e o encontrei. Então antes de participar do Conexão, já participava como residente em pesquisas onde tinha que ir a campo. Mas esse campo estava muito ligado ao meu dia a dia. Assim apesar de ter uma experiência diferenciada no modo de aprender, essa ainda não tinha com profundidade do elemento da coparticipação.

Ir a campo em um local diverso do seu dia a dia e ficar imerso com uma equipe destinada a justamente pensar o programa faz com que o modo de aprender seja mais profundo, diferente e com um significado próprio. Não é conhecimento passivo, mas produção de um aprendizado ativo. Depende não apenas da equipe de acadêmicos que parte a campo mas também necessita que a comunidade participe e produza então material que a sala de aula não poderia proporcionar aos graduandos.

Ir à zona rural do Espírito Santo mostrou à mim que muito do conhecimento recebido de forma quase que passiva nos bancos escolares tem por trás uma realidade que não se pode imaginar. Assim um diminuto estado, com diminutas estatísticas (afinal estudava políticas públicas em uma cidade que tem mais gente que todo aquele estado) se avoluma, diversifica e se transforma em um palco enorme.

Com a equipe sediada em um lugar, conhecer o trabalho do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES)², incluía viagens às diversas cidades da região, com algumas horas de estrada e até mesmo desafios de conseguir ou não voltar à cidade onde estávamos sediados. Isso longe de prejudicar a pesquisa, faz parte de um processo pedagógico riquíssimo. Somente fora da sala de aula, junto com as pessoas do local e passando parte do que elas passam é que começamos a compreender o que é esse palco e esses atores nessa política pública.

Não que passar três semanas junto a essas pessoas do MEPES, passando com elas alguns de seus desafios diários nos deem todas as respostas. Ouvi certa vez em algumas de minhas idas ao campo que nunca seremos aquela população que visitamos como pesquisadores e que ela sim sofre dia a dia a opressão de fazer dar certo uma política pública que muitas vezes imposta pelo estado e estaria destinada a fracassar. Mas como pesquisadores participantes, podemos

² No Conexão Local, em julho de 2009 conheci o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), ONG que proporciona ensino com base na Pedagogia de Alternância desde à década de 60 e utiliza o conhecimento da própria comunidade para produzir um ambiente pedagógico favorável ao ensino-aprendizagem. O relatório dessa visita está disponível em: http://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/1_-_mepes.pdf

contribuir com ela. E voltando novamente ao conceito de Paulo Freire, a coparticipação é essencial no sentido de fazer com que nós estudantes de graduação, pensemos na troca de conhecimento de forma mais ativa.

Apesar de o ensino universitário no Brasil se assentar em um tripé, ensino, pesquisa e extensão, essa última parte muitas vezes é esquecida ou distorcida. O Conexão Local faz parte do “pé pesquisa” nesse tripé, mas “flerta” de forma descarada com a extensão. E para mim, estudante de graduação de uma faculdade com excelência em pesquisa, que “faz a inflação do Brasil”, o “pé” na extensão não aparecia.

E Paulo Freire estabelece que a riqueza na extensão é a comunicação. Extensão por extensão, onde o saber acadêmico se impõe sobre o saber local está fadado à apenas ser agente de opressão sobre uma população. A experiência do caso inicial desse texto, Soro, raízes e rezas (PAULICS, 2003) mostra que somente saindo da opressão de um saber sobre o outro é que a política pública se inova e “dá certo”. Parceria entre os saberes é necessário para estabelecer a extensão na forma como Paulo Freire (p.69; 1969/1983) estabelece, uma comunicação e coloca:

A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.

Assim conhecer a experiência da forma proposta pelo Conexão Local é estabelecer um diálogo de saberes e ao realizar isso a pesquisa se permeia por um “gosto bom” de extensão. Tive oportunidade depois de participar de um grupo de extensão de outra universidade e esse primeiro sabor de extensão foi o que me fez ir atrás e me aprofundar nessa comunicação de saberes.

Fazer uma graduação voltada à gestão pública e poder conhecer políticas públicas dessa forma é compreender que essas são feitas por seres humanos, e que todos esses são atores ativos de sua própria história, por mais que estejam em situações que os obriguem a passar por opressões diárias. Estabelecer essa comunicação, que é pesquisa e flerta com a extensão, é onde pude começar a ver que para fugir da opressão de um saber sobre o outro é necessário o diálogo. Somente nesse, significados e significantes podem ser co-partilhados. E esse se dá não somente em conversa, mas o rico de se mergulhar no campo é poder dialogar simplesmente vivendo dia a dia ao lado daquelas comunidades.

Participar desse laboratório pedagógico foi e continua sendo rico. Permitiu que me aprofundasse nos temas pesquisa e extensão. Foi (e é) uma forma de fugir da passividade que muitas vezes a carteira da sala de aula nos obriga, e é também minha própria forma de libertação do saber opressor.

REFERENCIAS:

FREIRE, Paulo. Comunicação ou extensão? Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 7º edição, 1969/1983.

PAULICS, Veronika. Programa Soro, raízes e rezas – Boletim Dicas 211 do Instituto Polis. São Paulo: Polis, 2003: Disponível em: <http://www.polis.org.br/uploads/653/653.pdf> (Acessado em 12/04/2014).
